

meSalva!



## FILOSOFIA GREGA



MESOPOTÂMIA  
ASPECTOS CULTURAIS

AFIXOS

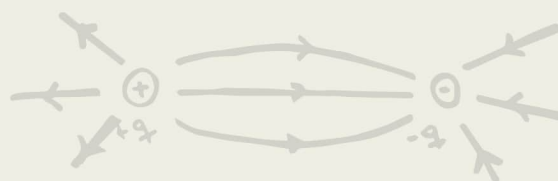
CONTROLADO

MENTE

SUFIXO

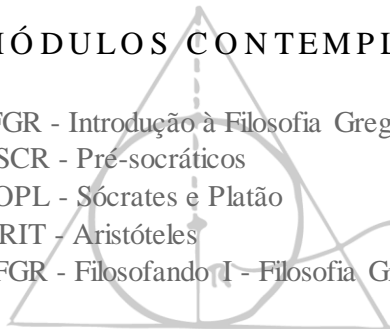
SINAL DE  
REGIÃO

CAFETERIA



MÓDULOS CONTEMPLADOS

- ✓ IFGR - Introdução à Filosofia Grega
- ✓ PSCR - Pré-socráticos
- ✓ SOPL - Sócrates e Platão
- ✓ ARIT - Aristóteles
- ✓ FFGR - Filosofando I - Filosofia Grega



ARISTÓTELA  
 $\frac{1}{3}h$



meSalva!

CURSO

DISCIPLINA

CAPÍTULO

PROFESSORES



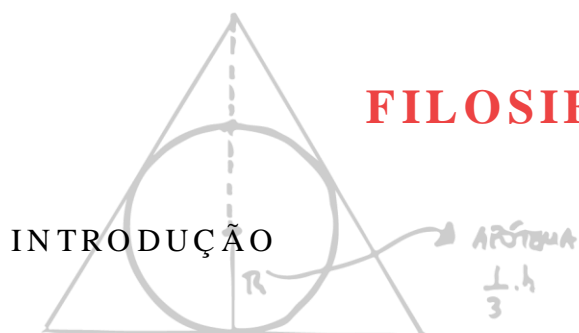
EXTENSIVO 2017

FILOSOFIA

**FILOSOFIA GREGA**

**BENHUR BORTOLOTTI  
E CLARA TONOLLI**





## FILOSOFIA GREGA

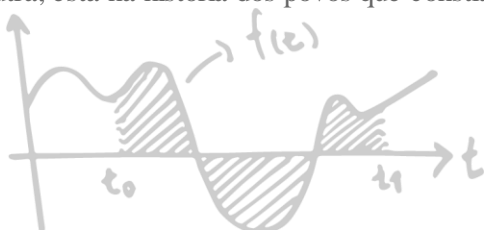
### INTRODUÇÃO

Você, certamente, já ouviu falar dos deuses e semideuses da Grécia antiga. Eles compõem o mais famoso panteão da cultura ocidental. De heróis míticos, como Hércules, Perseu e Ulisses, até as criaturas olímpicas que governavam o inferno, o céu e os mares (Hades, Zeus e Posêidon), a cultura grega nos legou lendas que ainda hoje estimulam a imaginação de escritores. Este legado não está circunscrito à literatura e ao cinema ou às artes em geral, embora sejam mais facilmente identificáveis em obras como o recente Percy Jackson ou no nome de personagens do fenômeno Harry Potter. Palavras como “eco”, que designa o fenômeno de reflexão acústica, ou “Via Láctea”, o nome de nossa galáxia, vieram diretamente de lendas gregas.



As sociedades gregas cultuaram um riquíssimo panteão que, nas práticas religiosas daqueles povos, cumpriam exatamente a mesma função que outros panteões desempenharam ao redor do mundo: dar uma perspectiva de continuidade da vida após a morte, explicar a existência do universo e oferecer resposta ao assombro dos homens diante das dúvidas causadas pela consciência de estarmos vivos.

Mas como a Grécia pode ter nos deixado de herança aspectos tão antagônicos da cultura e da expressão intelectual humana como são o mito e a ciência? Uma parte da resposta está na própria formulação da pergunta (e isso você perceberá que é algo muito recorrente na Filosofia) e, a outra, está na história dos povos que constituíram esta cultura.



## MITO E CIÊNCIA

Observe que a oposição mito versus ciência faz parte de um quadro mais amplo que é o da “expressão intelectual humana”. Hoje em dia, já não faz muito sentido dizer que tudo começou com a triste solidão de Gaia (**personificação** da terra) que decidiu criar Urano (personificação do céu) e com ele teve vários filhos, os titãs. Mas precisamos conceder que, ao imaginar deuses com características humanas e dentre eles elegerem seus preferidos (seus heróis e seus protetores), os gregos estavam registrando, em suas lendas, informações preciosas sobre sua cultura, sobre sua forma de ver o mundo, não apenas nos aspectos religiosos, mas também nos aspectos morais. O culto às divindades da guerra nas cidades em que a vida militar era mais proeminente ou o culto às divindades agrícolas nas cidades mais produtivas eram expressão daquilo que havia de mais fundamental e importante na vida dos gregos. E os heróis de suas histórias eram aquelas personagens que representavam o ideal de conduta da Grécia.

Nas mitologias em geral, há muitas divindades que são personificações, e elas se distinguem dos outros deuses por serem elas próprias a forma pessoalizada de algo que é natural. Gaia não é, portanto, deusa da terra, ou seja, uma divindade que no espólio do mundo recebeu o controle da terra como Posêidon recebeu o controle dos mares após ajudar Zeus a destruir seu pai, Cronos; Gaia é a própria terra, representada em seus aspectos emocionais, apetites, desejos e valores. Urano também não adquiriu o domínio do céu, ele é o próprio céu.

O que é importante ter em mente é que embora a Mitologia Grega não seja uma boa fonte de conhecimento sobre o que de fato é o planeta em que vivemos ou sobre o que define o sucesso de uma colheita, esta mesma mitologia é composta pelos registros de uma cultura, seu modo de ver o mundo e o comportamento humano.

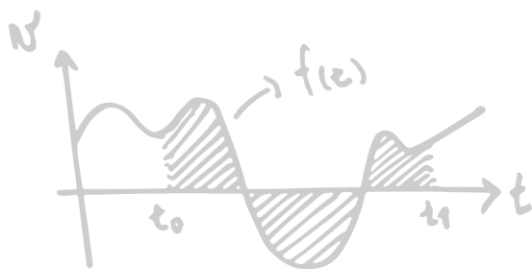
Outras culturas ao redor do mundo também tiveram suas mitologias. Dos nórdicos aos tupis-guaranis, as sociedades sempre tentaram encarar o mistério do universo. Desse desafio, surgiram lendas belíssimas que, quando apreciadas em conjunto, registram o que há de mais distinto nas inúmeras culturas que se desenvolveram pelos mais diversos continentes, mas também o que há de universal na alma humana. O que de especial se passou na Grécia, então? Não é que as lendas dos gregos fossem melhores ou piores, nem mais ou menos belas, mas elas foram as lendas da Pólis.

A Pólis era a estrutura social organizadora da democracia grega. Os cidadãos gregos exerciam seus direitos políticos debatendo os temas relevantes, argumentando e objetando as ideias expostas. Agora imagine o que acontece quando, numa estrutura social como essa, alguém tenta responder a qualquer pergunta sobre a natureza do mundo apelando aos velhos mitos legados pelos poetas do passado? Na Pólis, os cidadãos debatiam entre iguais e as respostas sobre o princípio do mundo, do homem e de todas as coisas estavam sujeitas a uma apreciação crítica e ao debate. A razão grega, numa sociedade de poder fragmentado, apresenta-se como instrumental para o convívio político entre os homens. **O velho sacerdote que ditava suas regras segundo**

um acesso privilegiado aos deuses perdeu espaço numa sociedade em que o debate era estimulado.

A peça Édipo Rei, do dramaturgo grego Sófocles (497-405 a.C.), se tornou uma das mais estudadas e importantes obras de arte da antiguidade. A obra é de domínio público e você não terá dificuldades em encontrar diversas traduções na internet. O Complexo de Édipo, descrito por Sigmund Freud (1856-1939) em suas teorias sobre o comportamento humano que resultaram na criação da Psicanálise, tem este nome devido à personagem principal da peça. Freud, ao formular uma teoria do inconsciente, foi responsável por uma das descobertas mais revolucionárias da história do pensamento humano, e suas descobertas influenciaram não apenas a medicina, a psiquiatria, a psicologia, mas também a filosofia, a sociologia, a política, a crítica de arte e os estudos culturais de modo geral. Em função disso, muitas leituras da peça de Sófocles acabaram condicionadas pelas ideias de Freud. A “leitura freudiana” vê nas ações dúbias e imprecisas de Édipo um sujeito atormentado para manter escondido de si mesmo um segredo terrível. Já um poeta alemão chamado Friedrich Hölderlin (1770-1843) ofereceu uma leitura distinta, traduzindo a obra com ênfase na perspectiva de que Édipo, mais do que um homem atormentado pelo seu inconsciente, é já o retrato do homem grego que passa a desconfiar da imprecisão dos oráculos. Seus questionamentos e tubeios, mais do que um desespero pessoal, são o ardil de quem está testando, com ceticismo, as estruturas religiosas da sociedade

Mas e a Filosofia? Há um consenso entre filósofos e historiadores que o precursor da Filosofia era um homem de Mileto, importante entreposto comercial no litoral jônico. Os milésios já usavam moedas de ouro para realizar trocas comerciais e tinham no seu cotidiano, portanto, o hábito de utilizar um meio universal de atribuir valores, ou seja, todas as coisas comercializáveis que pudessem ter algum valor podiam ser traduzidas em um meio universal, que eram as moedas de ouro. O filósofo Bertrand Russel (1872-1970) observa que este fato histórico propiciou uma reflexão sobre o caráter universal das coisas. Além disso, conhecimentos de geometria, astronomia, matemática e economia, em grande parte adquiridos pelas intensas atividades comerciais no Mar Mediterrâneo e o intercâmbio cultural com outras civilizações, foram decisivos quando o homem da pólis deu início à atitude de resolver certos mistérios sobre o mundo a partir da razão. E a Filosofia e a Ciência surgem, portanto, com a afirmação feita por Tales de Mileto de que “o princípio de tudo é a água”.



## OS PRÉ-SOCRÁTICOS

### TALES DE MILETO (640-548 A.C.) E O MONISMO MATERIAL

Por enquanto, não precisamos concordar ou não com a afirmação de Tales, o importante é perceber que sua proposta para a constituição básica do mundo não se dava por uma revelação espiritual de enviado dos deuses. Mais importante ainda é notar que Tales, ao propor um princípio unificador de todas as coisas que existem, está separando aquilo que se apresenta a nós pelos sentidos daquilo que podemos entender e compreender a partir da nossa faculdade de raciocinar. A diferença entre sensível e inteligível, que movimentava grande parte da filosofia posterior, começa, com Tales, a ser delineada.

As teses monistas são aquelas que apresentam a multiplicidade do mundo como constituída de um princípio único (a água, o ar ou o fogo). Ou seja, se decomposmos tudo que existe, no final teremos algo que é uma base única.



### HERÁCLITO DE ÉFESO (544-484 A.C.) E A MULTIPLICIDADE EM MOVIMENTO

Ainda em torno da distinção entre o sensível e o inteligível, outro famoso filósofo apresentará uma tese diferente daquela de Tales. Heráclito, que teria dito a famosa frase “Um homem não pode banhar-se duas vezes no mesmo rio”, postulou a fluidez constante do mundo. Note que o pensador de Éfeso parece fazer o caminho inverso do percorrido pelo filósofo de Mileto. Se antes se buscou entender da multiplicidade que nos é apresentada pelos sentidos um princípio unificador, agora, o que se tem é uma tentativa de fragmentar aquilo que identificamos como uno. Outra maneira de expressar a questão posta por Heráclito é perguntar: “o que é o mesmo?”

O homem que retorna ao rio é um indivíduo que pode ser identificado, é único, mas a que ponto tudo aquilo que compõe o reconhecimento deste indivíduo deixa de ser um conjunto para se tornar um homem específico? Se pensar nestes termos pode parecer um pouco difícil – e nos próximos capítulos veremos como Aristóteles resolve essa dificuldade –, podemos fazer o experimento partindo não do homem mas do rio. O que define o rio são suas encostas ou suas águas? Se não há rio sem água e as águas do rio estão em constante mudança, é possível dizer que o rio permanece o mesmo? Para Heráclito, a multiplicidade do ser também é uma multiplicidade de conflitos na luta de contrários que nos constituem e de cuja síntese resulta a harmonia.

Mais uma vez, o importante está na atitude de separar, no exercício intelectual, aquilo que é apreendido pelos sentidos e reconhecimento imediatamente (neste caso, um rio específico), e aquilo que pode ser pensado e abstraído do que os sentidos nos oferecem.

## PARMÊNIDES DE ELEIA (544-450 A.C.) - TUDO É UMA ÚNICA COISA QUE NUNCA MUDA

Dentre os pré-socráticos, Parmênides foi quem levou mais longe a atitude filosófica de submeter ao exame da razão aquilo que os sentidos nos apresentam. Como resultado disso, sua influência na história do pensamento é decisiva. Ao contrário de Heráclito, que via fluidez movimento em tudo, Parmênides propôs algo extremamente contraintuitivo. Sua posição era uma posição lógica que, diferentemente da de Heráclito, rejeitava a **contradição**.

Ao rejeitar a mudança e o movimento, Parmênides não estava negando nossa percepção da mudança e do movimento ou da multiplicidade do mundo. Para o filósofo, as coisas que existem se apresentam a nós de maneiras muito diferentes, podem ser duras ou macias, claras ou escuras, quentes ou frias, grandes ou pequenas, podem ser naturais, como plantas e bichos, ou fabricadas, como embarcações ou casas. Mas se por um lado os sentidos nos mostram essa multiplicidade, nossa razão pode apreciar em todas essas coisas, tão distintas entre si, uma propriedade comum: elas são. O ser passa a ser compreendido como uma propriedade essencial das coisas. E, com base nisso, Parmênides resolveu afrontar ainda mais os sentidos e a percepção que os gregos tinham do mundo, porque, afinal, é impossível dizer que uma coisa é e não é, ao mesmo tempo. O ser, portanto, é tudo aquilo que é, e o não ser, não é. O que não é não existe, e, não existindo, não pode modificar o que existe, de modo que tudo aquilo que existe é imutável.

O princípio da não-contradição está na base de toda lógica e expressa a coesão de tudo aquilo que pode de fato ser pensado. Hoje em dia, com o desenvolvimento das notações lógicas que expressam as relações entre nossos pensamentos, convencionou-se a expressá-lo formalmente da seguinte maneira:  $\neg(P \wedge \neg P)$ . Você vai aprender mais sobre estes símbolos nas aulas de lógica. Mas o que está expresso na fórmula é que não é possível que uma coisa seja e não seja ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto. Você pode pensar que uma maçã é vermelha ou que uma maçã não é vermelha, mas você não pode pensar que uma mesma maçã é, ao mesmo tempo, vermelha e não vermelha.



Mas e as mudanças que vemos, constantemente, ao abrimos nossos olhos para o mundo? A chuva caindo, os nascimentos e as mortes? Parmênides não nega que nossos sentidos nos apresentem um mundo em constante mudança, mas, para o filósofo, as mudanças não passam de ilusão dos sentidos. Sua tese abriu caminho para a Ontologia, o estudo do ser enquanto ser.

Tales dá início a uma tradição que consiste em buscar, naquilo que obtemos do mundo pelos sentidos, informações que não nos são dadas pelos olhos, pelo olfato, pela audição, pelo tato ou pelo paladar. Dizer que há um princípio único que organiza todas as coisas do mundo é abrir mão de compreendê-las apenas por suas características sensíveis. Essa atitude inédita diante do mundo revolucionou a ciência e as tecnologias. Mas e o sentido da vida? E o bem e o mal? E a verdade? Os pré-socráticos se ocuparam da physis (física), ou seja, da natureza do mundo e dos movimentos. A postura política do homem grego, diante das dúvidas sobre o universo, foi a de tentar resolvê-las apelando para a razão. Mas é com Sócrates que a atitude filosófica é radicalizada e, mais do que investigar a natureza do mundo, os filósofos passarão agora a usar a razão para investigar um pouco de tudo.

## SÓCRATES, PLATÃO E O INÍCIO DO PERÍODO CLÁSSICO

No período clássico, há um deslocamento de interesses e emergem figuras importantes da sociedade grega: os sábios, também conhecidos como sofistas. Herdeiros de uma rica tradição literária e cultural, os sofistas se tornam os professores da pólis, e, com habilidade de retórica, passam a discorrer sobre problemas que já não dizem mais respeito à natureza do mundo, mas ao homem, seus valores e suas relações com a sociedade. Um proeminente pensador grego, Protágoras de Abdera (485-411 a.C.), disse que “o homem é a medida de todas as coisas”. Nesta frase, “o homem” não deve ser tomado por um gênero ou uma raça, mas por um indivíduo. Com essa afirmação, Protágoras marca o relativismo próprio da sofística: a verdade é conforme a consciência de cada um, ou seja, a verdade de um pode não ser a verdade de outro. Os sábios utilizavam a retórica para convencer os demais de sua própria verdade. O discurso vale menos por ser verdadeiro ou falso e mais por ser um instrumento de pacificação, de consenso político e social. O bom discurso não é aquele que reflete mais adequadamente a realidade, mas sim aquele que tem mais capacidade de convencimento e persuasão.

### SÓCRATES (470-399 A.C.) - SÓ SEI QUE NADA SEI

O que se tem registrado sobre a filosofia de Sócrates está nas obras de dois de seus discípulos, Platão e Xenofonte. O primeiro o descreveu, protagonizando os diálogos socráticos, como o filósofo de um poderoso e combativo método de investigação. O segundo, como mais um sofista. O Sócrates que adquire relevância histórica, portanto, é aquele cujas ideias estão descritas nos diálogos de Platão.





Como acabamos de ver, a cena cultural grega havia sido tomada pelos sofistas e você ainda deve ter notado, pelas teses dos pré-socráticos, que a Filosofia tem um movimento pendular, ou seja, que as teses que adquirem importância acabam resultando em uma tese oposta. E foi neste contexto da Grécia sendo influenciada pelo relativismo dos sofistas que o pêndulo da história deu início ao seu movimento no sentido contrário. Sócrates rompe com os sofistas ao buscar uma referência para a verdade que não seja subjetiva, que não varie de pessoa para pessoa.

Para atacar o relativismo sofista, Sócrates não pode simplesmente oferecer a um interlocutor uma tese distinta da que este lhe apresenta, porque a situação resultaria numa disputa retórica de duas verdades. Sócrates, ao perguntar o que é a bravura, assume a postura de quem de fato não sabe o que é a bravura. Sua certeza é a de não saber, e, aos poucos, pelo seu método de perguntar ao interlocutor o que é determinado valor, mostrará que também seu interlocutor, embora cheio de certezas e autoridades, não sabe. Mostrará ainda que o bravo, embora pratique e exerça a bravura, não tem o critério da bravura.

O método socrático consiste no seguinte esquema.

- ✓ Sócrates pergunta o que é determinado valor.
- ✓ Seu oponente responde com uma definição ou um exemplo.
- ✓ Sócrates acata a definição e em seguida apresenta um caso daquela definição ou exemplo que contém características que impeçam o próprio oponente de aceitar que aquilo que está sendo dito seja o valor que ele havia apresentado.
- ✓ A partir daí, formula-se uma nova tentativa de definir o valor.
- ✓ Sócrates, irônico, novamente aceita, mas apresenta novo contraexemplo.
- ✓ Assim, a cada movimento do diálogo, o sábio desafiado por Sócrates vai tendo seu suposto conhecimento esfacelado.

A filosofia de Sócrates tem então uma implicação **ética** interessante: o erro moral se torna um erro intelectual. É por não saber quais são os critérios dos valores que os homens erram. Além dessa consequência moral, há uma consequência **epistemológica**: ao contrário do que dizia Protágoras, o critério se impõe ao homem como critério, e a medida de determinado valor é o próprio valor, e não o homem. O erro é ignorância e saber é poder. Com isso, suas ideias têm ainda um forte impacto **político**: se saber é poder, nem todas as pessoas possuem o mesmo poder. Com Sócrates, inicia-se então um movimento que ataca alguns dos princípios da democracia grega, incorporando o saber à escolha do político.

A noção de ética (ethos), outra das áreas temáticas da filosofia, sofreu uma distorção à medida que as sociedades modificaram sua forma de se organizar. Hoje associamos a ética às ações do homem em seu convívio social, mas na sociedade grega do período clássico a ética estava relacionada ao bem viver e à virtude pessoal.

Epistemologia é o estudo (logia) do conhecimento (episteme) e uma das áreas mais exploradas da filosofia de tradição analítica nos dias de hoje.

A filosofia política (politikos) trata das instituições que ordenam nossa vida em sociedade.

Na democracia ateniense, os cargos políticos eram determinados por sorteio. É preciso ter em mente que este processo democrático excluía mulheres, escravos, estrangeiros e todos aqueles que não tivessem sua liberdade econômica. Mas se a escolha do médico para tratar o enfermo se dá pelas suas competências e habilidades em curar os doentes e se a escolha do general se dá pela sua capacidade de guerreiro e estrategista, porque então os assuntos administrativos da Pólis podem ser relegados ao acaso?

Ao propor que o critério do líder político seja o saber, um saber que pode ser adquirido por qualquer pessoa, Sócrates está afrontando a própria organização de classes da Grécia e é esta afronta que será decisiva para que o acusem de impiedade.

## PLATÃO (428-347 A.C.) - O MUNDO DAS IDEIAS

O filósofo e matemático britânico Alfred North Whitehead (1861-1947) costumava dizer que toda filosofia ocidental são notas de rodapé à obra de Platão. A frase expressa a amplitude dos temas tratados por este grego notável, cuja obra é indissociável da de seu mestre Sócrates. Você deve estar familiarizado com a expressão “paixão platônica”. Dizer que um amor ou uma paixão é platônico significa dizer que ele não está realizado e existe apenas no campo das ideias.

Platão contribuiu de maneira impactante para a epistemologia. Distinguiu a opinião verdadeira do conhecimento, mostrando que há uma grande diferença entre dizer que “um homem vai bater à porta” e casualmente um homem bater à porta e dizer a mesma frase podendo justificar a afirmação de modo que se possa estabelecer uma ligação causal entre o que é afirmado e aquilo que de fato acontece. Ou seja: temos muitas opiniões sobre o mundo e várias delas podem eventualmente ser verdadeiras, mas para que elas não sejam meras opiniões é preciso justificá-las.

Para Platão, o conhecimento se dá quando se vai além das imagens do sensível e se alcança o conhecimento filosófico das próprias ideias que existem como regra do mundo, essências imutáveis, que alcançamos apenas pela depuração das ilusões sensíveis. O mundo sensível é apenas uma cópia ou sombra da realidade essencial do mundo: as ideias. Perceba que este pensamento, expresso na Alegoria da caverna, integra duas posições distintas da filosofia dos pré-socráticos: a fluidez de Heráclito como racionalização do mundo sensível, e o ser imutável de Parmênides, que se refere às ideias mesmas.

Pense, por exemplo, que existem muitos cavalos no mundo e várias pessoas estão aptas a identificar um cavalo, ainda que os cavalos sejam muito diferentes entre si. Mas, segundo Platão, existe um critério para o próprio cavalo ser um cavalo. Existe uma distinção entre o cavalo que se apresenta aos órgãos sensíveis e a ideia de cavalo que é o critério para que se possa dizer de todos os cavalos que há algo em comum a eles, e com isso a filosofia de Platão continua a tratar do tema do sensível e do inteligível.



Platão é o primeiro dos filósofos a legar uma vasta obra cujo registro permite aos filósofos e historiadores compor um quadro mais amplo e preciso tanto de sua biografia quanto de seu pensamento. Sua forma literária mais usual foi o diálogo em que do debate de ideias se extraía uma tese. Você também deve ter notado certas semelhanças entre a filosofia de Platão e a de Sócrates – o que é natural uma vez que o principal registro literário que temos de um é como personagem na obra do outro.

É com Aristóteles, outro dos filósofos cujos textos foram recuperados, que a Filosofia começará a ser articulada em sua amplitude de temas.

## ARISTÓTELES (384-322 A.C.) - A METAFÍSICA

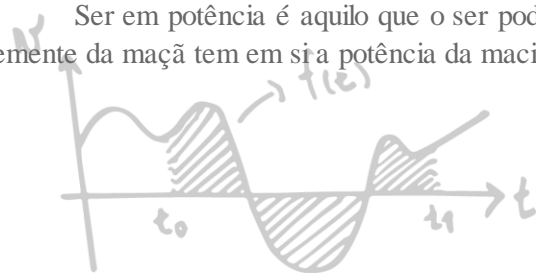
O termo metafísica, que designa toda uma área de estudos da Filosofia, tem uma etimologia curiosa. Quando foi feita a recuperação e organização da obra de Aristóteles, separou-se os escritos sobre a física dos demais, que envolviam, por exemplo, textos sobre ética e política e, na falta de um título para os textos que tratam dos assuntos que hoje chamamos de metafísicos, eles foram classificados como os textos de “depois (meta) da física”. O meta que tinha conotação espacial de “depois” e indicava o lugar destes textos passou a ter uma conotação transcendental, de “além” da física, e designa as obras que estudam o conhecimento daquilo que está além do mundo físico.

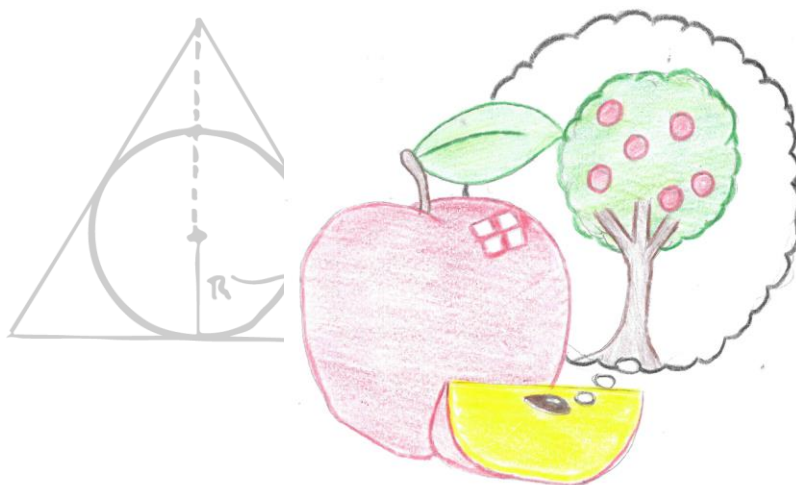
### RESOLVENDO PARMÊNIDES

Você deve lembrar que Parmênides criou um problemão para a multiplicidade ao postular que só existe o que é, e portanto o que é não muda porque não pode ser influenciado pelo que não é. Para devolver o movimento ao mundo e tornar sua concepção intelectual das coisas que existem menos conflituosa com a concepção sensível, Aristóteles deu um importante passo na história da filosofia. Sua saída para o problema de Parmênides foi fraturar o ser, quebrando-o ao meio e constituindo uma nova oposição de forças que fosse capaz de restabelecer o movimento. Aristóteles propôs que há duas maneiras de ser: ser em ato e ser em potência.

Ser em ato é aquilo que o ser é na sua atualidade, no seu instante. A semente da maçã é, em ato, uma semente de maçã.

Ser em potência é aquilo que o ser pode ser e que já está inserido em sua realidade. A semente da maçã tem em si a potência da macieira.





No devir (ou seja, no vir-a-ser), a atualização das potências, a realização das potencialidades, ambas inseridas dentro da unidade que Parmênides havia estabelecido para o ser, permitem a divisão de forças que devolverá ao filósofo a capacidade de pensar o mundo por seus movimentos.

## RESOLVENDO HERÁCLITO

Aristóteles também foi muito inventivo em identificar princípios racionais e criar conceitos que nos permitissem perceber o mesmo que Heráclito se perguntou o que era ao decompô-lo em uma multiplicidade. Os conceitos aristotélicos para resolver este problema e que são essenciais em sua metafísica são “substância” e “acidente”.

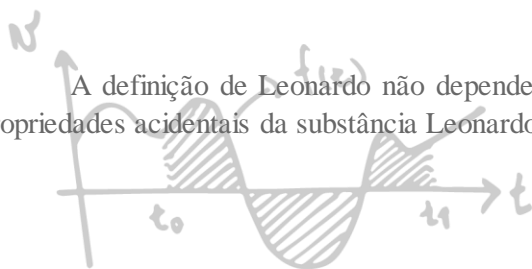
Pensem, por exemplo, que vocês podem identificar uma mesma pessoa ainda que a tenham visto mais branca no inverno e agora a encontrem bronzeada do sol do verão. O que Aristóteles começa a estruturar são categorias que organizam essa identificação e, a partir delas, podemos constatar que existe uma substância que permanece quando todo o resto muda.

Leonardo é um menino branco que voltou da praia bronzeado.

Ser branco é uma propriedade de Leonardo assim como ser bronzeado.

Tornar-se bronzeado é uma potência de Leonardo mesmo quando em ato ele é branco.

A definição de Leonardo não depende da cor (do branco ou do bronze), as cores são propriedades accidentais da substância Leonardo.



As substâncias, portanto, são aquelas coisas que existem em si mesmas e os acidentes são aquelas coisas que só existem em outras. Cores, por exemplo, são propriedades accidentais porque não existe tal coisa como o branco em si. O branco só pode existir como propriedade de uma outra coisa: em um tecido, uma parede, uma mesa, etc... Do mesmo modo, as quantidades, ou números, também não existem em si. Você não encontra na rua um número 8 andando solitário. Os números, assim como as cores, só podem ser identificados em outras coisas que não eles próprios.

O mesmo de Heráclito passa a poder ser entendido como aquilo que permanece independente das mudanças accidentais que lhe ocorram. Pedro permanece sendo Pedro ao ficar careca, ao envelhecer ou ao renovar radicalmente o seu guarda-roupa, porque Pedro é uma substância.

## MATÉRIA E FORMA

Outro par conceitual importante da metafísica aristotélica é composto pelas noções de matéria e forma. Aristóteles propôs que todo ser é constituído de matéria e forma como princípios inseparáveis.

Matéria é a própria composição física do mundo.

Forma é o que faz com que uma coisa seja aquilo que é.

A matéria contém a forma em potência. A madeira contém em si, como potência, a forma da mesa e também a forma cadeira, mas não a forma de um ser humano.

## UM FILÓSOFO VERSÁTIL E RIGOROSO

Os interesses de Aristóteles foram tão variados quanto poderiam ser: dedicou-se a compreender o mundo, mas também a compreender o homem em seus aspectos culturais (estética), éticos e políticos. Também sistematizou a investigação filosófica, que em sua época já havia sido bastante amadurecida, discutindo proposições, premissas, conclusões e argumentos a partir das regras lógicas da silogística, que se apresentava como uma ferramenta de controle para evitar argumentos inválidos. Seus textos sobre ética investigam a natureza da virtude moral e da vida plena do homem. Na estética, lançou-se a investigar a poesia grega a fim de identificar seu papel no desenvolvimento da cultura, no aprendizado e no intelecto humano. Na política, aprofundou a reflexão sobre os limites da democracia, mas rejeitou a concepção platônica da República por considerá-la demasiado utópica.

Silogismo é um raciocínio lógico do qual, a partir de duas proposições tomadas como premissa, obtém-se uma terceira que é sua conclusão.

- ✓ Premissa 1: Todo homem é mortal.
- ✓ Premissa 2: Sócrates é homem.
- ✓ Conclusão: Sócrates é mortal.

Veja que o que amarra este raciocínio é o próprio princípio da não contradição uma vez que seria impossível pensar que 1 e 2 sejam verdade sem que a 3 também seja. Para um lógico nunca interessa se de fato todo homem é mortal, o que interessa para o lógico é a relação entre as ideias. Então o que importa é que

SE for verdade que todo homem é mortal (e)

SE for também verdade que Sócrates é homem

Não se pode pensar em Sócrates como não sendo mortal

Agora veja o seguinte argumento:

Toda baleia é peixe

Jubartes são baleias

Jubartes são peixes

Existe uma premissa errada no argumento, afinal, baleias não são peixes. Mas do ponto de vista lógico, o argumento é válido porque, se baleias fossem peixes, seria impossível imaginar uma situação em que as duas primeiras premissas fossem verdade e a conclusão fosse falsa sem que caíssemos em contradição.

Agora veja um exemplo de quando mesmo as premissas sendo verdadeiras o argumento não consegue se sustentar:

Todo homem é mortal

Fifi é mortal

Fifi é homem

É verdade que todo homem morre e é verdade que Fifi, meu cachorrinho é mortal, mas não é verdade que por Fifi ser mortal ele é necessariamente homem, porque a primeira premissa não diz que tudo aquilo que morre é homem, mas que tudo aquilo que é homem morre, ou seja, eu posso pensar em muitas coisas que, assim como os homens, morrem mas que não são, necessariamente, homens, como gatos, cachorros, peixes, etc...





## FILOSOFANDO

Mas e a contribuição da Filosofia Grega nos dias de hoje? Bem, algumas dessas ideias estão na base de sustentação de teses filosóficas complexas e os velhos conceitos filosóficos dos gregos, como: Ideia, Devir, Substância, Acidente, Potência, etc., servem até hoje como ferramenta de compreensão do mundo. Mas observe que o panorama que foi apresentado aqui tem efeitos práticos muito diretos em nossas vidas.

Quando você decide sair de casa para estudar ou passear com algum amigo, está sujeito a uma série de perigos que o mundo oferece. Aliás, se ficar em casa também está correndo alguns perigos. Não temos, ao acordar, qualquer garantia de que à noite voltaremos seguros para nossas camas, mas ainda assim saímos, estudamos, trabalhamos, damos continuidade às nossas vidas. Muitas vezes, quando investimos em uma paixão, não temos garantias de sermos ou não correspondidos. A gente se interessa, se aproxima, vai descobrindo aos poucos mesmo sem muita segurança. Se esperarmos certezas sobre certas coisas permaneceremos imobilizados. Mas estes são aspectos pessoais de nossas vidas. E nos aspectos públicos?

O grau de segurança que eu preciso ter de que uma receita de bolo que eu estou inventando vai funcionar é muito menor do que o grau de segurança que eu preciso ter quando digo a alguém que o tratamento ideal para curar sua doença é X ou Y. O grau de segurança sobre o crime que eu preciso ter quando decido se uma pessoa deve ou não ser privada de sua liberdade é muito maior do que a segurança que eu preciso ter quando estou escolhendo a qual filme vou assistir.

A expressão usada foi propositalmente “grau de segurança” e não “grau de certeza” porque a certeza é um estado psicológico do indivíduo. Há pessoas que têm certeza que são Napoleão Bonaparte, e nós sabemos que elas não são. Certeza é um estado íntimo e pessoal que, do ponto de vista da vida pública, não tem muito valor se não puder ser traduzido em termos que possam dar garantias da crença. Quando falamos em segurança, estamos falando em condições de prestar contas, justificar. O médico deve estar apto a poder fundamentar suas escolhas quando se trata da vida de seu paciente assim como o juiz precisa fundamentar sua decisão de prender ou não um suposto criminoso.

Perceba que existe uma dimensão formal do conhecimento. O conhecimento como estado psicológico individual não pode adquirir valor público sem uma boa fundamentação. Quando nossas escolhas impactam outras pessoas, ou a sociedade, é necessário que estejamos aptos a prestar contas do que as fundamentou.

Esta é uma lição importante que a sociedade e a filosofia grega nos deram, mas é também um dos problemas constantes da filosofia: refletir sobre o ponto preciso em que um assunto deixa de ser privado e passa a ser de interesse público; ou mesmo sobre o que conta como conhecimento e o que não pode ser seguramente definido como algo mais substancial do que mera opinião.

Esta é uma das razões para que sociedades civilizadas tenham como princípio jurídico fundamental a “presunção da inocência”. Para pensarmos em termos mais concretos, imagine uma grande escola fechada em que não há ninguém exceto um sujeito cujo emprego é servir de fiscal para o nosso argumento.

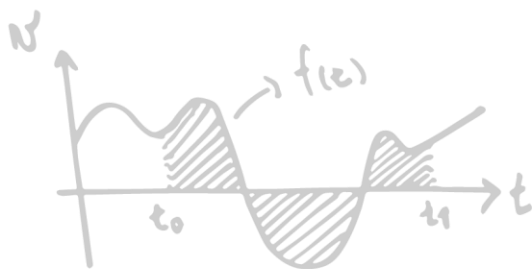


Existem duas afirmações sobre esta escola:

- ✓ Afirmação 1: Existe rato nesta escola
- ✓ Afirmação 2: Não existe rato nesta escola

O trabalho do fiscal é provar uma delas. Mas observe que ele não está em condições de provar a afirmação 2 porque ele só pode procurar em uma sala por vez, e o rato pode estar sempre em outro lugar. Mesmo que ele disponha de um tempo infinito de busca, o rato pode ficar se movendo de um lugar a outro. Se depois de 20 horas incessantes de busca ele não encontrar um rato, ele ainda assim não poderá garantir que a afirmação 2 é a correta. Por outro lado, basta que ele encontre um único rato para declarar que a afirmação 1 é a verdadeira. Agora vamos voltar ao direito.

Ainda que nossas polícias sejam as mais bem equipadas e que os cidadãos estejam dispostos a abrir mão de sua privacidade para serem vigiados em todos os espaços possíveis, o Estado jamais poderá garantir 100% de punição para os crimes. O Estado só poderia dizer “Estamos livres de crimes” e o fiscal só poderia dizer “Estamos livres de ratos” se eles possuíssem uma onisciência que é humanamente impossível. Se não há como oferecer garantias de punição total para os criminosos, existe outra garantia que o Estado pode fornecer, que é a da liberdade para os inocentes. A presunção de inocência é portanto uma tentativa de garantir que se um cidadão é inocente ele não será punido. É claro que a polícia e a justiça, como tudo que é humano, têm muitas falhas e muitas vezes nossas instituições se deixam levar por certezas não fundamentadas e o resultado disso são injustiças irreparáveis. Mas note que quando o criminoso é indevidamente inocentado, ainda que isso nos revolte, faz parte das próprias limitações do Estado, que, como vimos, não pode dar garantia de punição total. Mas quando o inocente é indevidamente punido, o Estado erra gravemente porque a liberdade dos inocentes pode, sim, ser garantida, se respeitados os princípios de fundamentação das escolhas que impactam a vida pública.



## DICA DE FILME:

- ✓ Doze homens e uma sentença (1957)

Direção: Sidney Lumet

O filme se passa dentro da sala de um júri que precisa decidir sobre um caso de assassinato. Onze dos doze jurados estão convencidos da culpa do acusado, mas um deles insiste em convencer os demais de que é possível que o réu seja inocente. Pode ser um interessante exercício filosófico analisar, sem o envolvimento emocional que temos com as nossas decisões do dia a dia, o quanto defesa e acusação conseguem prestar conta de suas posições, tendo sempre em mente que a acusação é quem precisa apresentar prova definitiva.

meSalva!

